



DESAFIOS DO RELACIONAMENTO AMOROSO CONSTITUÍDO SOBRE IDEALIZAÇÕES: O AMOR REAL

CHALLENGES OF THE LOVE RELATIONSHIP BUILT ON IDEALIZATIONS: THE REAL LOVE

Marta Aparecida Santos NASCIMENTO
Centro Universitário Tocantinense Presidente Antônio Carlos (UNITPAC)
E-mail: Psicologia.martasantos@gmail.com
ORCID <https://orcid.org/0009-0008-3896-1153>

Francisco Neto Pereira PINTO
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFT)
E-mail: fneto@uft.edu.br
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-1452-4027>

968

RESUMO

Neste artigo será abordado sobre os desafios dos relacionamentos amorosos constituídos sobre idealizações, a fim de analisar a influência do mecanismo das idealizações sobre o outro na dinâmica dessas relações. Para tanto, é necessário investigar o significado atribuído à relação de amor com o outro, na constituição dos sujeitos contemporâneos, uma vez que diante desta contemporaneidade as configurações afetivas traçam novos caminhos junto as mudanças sociais. Esse artigo busca ainda problematizar a idealização do amor frente ao discurso de relacionamento pleno, além de analisar se as idealizações comprometem uma perspectiva de elaborações sobre si na relação com o Real para os relacionamentos amorosos.

Palavras-chave: Amor. Freud. Idealizações. Lacan. Psicanálise.

ABSTRACT

In this article we will discuss the challenges of love relationships constituted on idealizations, in order to analyze the influence of the mechanism of idealizations about the other in the dynamics of these relationships. To do so, it is necessary to investigate the meaning attributed to the love relationship with the other, in the constitution of contemporary subjects, since in this contemporaneity the affective configurations

trace new paths together with social changes. This article also seeks to problematize the idealization of love in face of the discourse of full relationship, besides analyzing if the idealizations compromise a perspective of elaborations about oneself in the relationship with the Real for love relationships.

Keywords: Love. Freud. Idealizations. Lacan. Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

O amor, enquanto um acontecimento de relacionamento amoroso é sempre um assunto que desperta interesse e prende as pessoas, seja pela expectativa dos seus finais felizes, caricaturas da ficção e posts no social, ou pelas histórias que não tem finais tão felizes assim. As produções artísticas principalmente da música e cinema, são provas disso. Para os demais campos do conhecimento o amor também tem seu lugar. Na psicanálise o amor ganha o lugar de conceito, onde postula que as primeiras experiências infantis em ser amado, como fundantes da estrutura psíquica dos sujeitos.

Dessa forma, o presente trabalho, busca analisar as possibilidades de inscrições psíquicas do amor na atualidade, frente à maneira que os sujeitos se lançam nas suas relações, e se colocam diante do desejo de estar com o outro, como também as implicações disso nas elaborações de si com o Real, em contrapartida ao panorama dos relacionamentos amorosos, caracterizados com a garantia fantasiosa de “felizes para sempre”, presente no discurso do amor romântico.

Por fim, este artigo se guiará pela investigação da seguinte problemática: Quais as implicações da idealização nos relacionamentos onde se supõem que o outro é capaz de suprir suas necessidades em plenitude, desconsiderando sua constituição faltante? O intuito não é postular o saber da psicanálise como uma verdade absoluta, mas lançar luz na discussão desse tema, objetivando traçar uma trajetória que leve contribuições aos sujeitos, nas suas relações com o outro e no social.

OBJETIVOS

Objetivo geral

Analisar as idealizações sobre o outro na dinâmica dos relacionamentos amorosos.

Objetivos específicos

- ❖ Investigar o significado de relacionamento amoroso na constituição dos sujeitos contemporâneos;
- ❖ Problematizar a idealização do amor frente ao discurso de relacionamento pleno;
- ❖ Identificar se as idealizações comprometem uma perspectiva de elaborações sobre si na relação com o Real, para os relacionamentos amorosos.

970

JUSTIFICATIVA

Com o advento da web, a sociedade caminhou para mudanças tanto de ordem material, quanto subjetivas. O laço social, que até então continha o manual de como viver, passa a operar sobre uma horizontalidade, caracterizado pela diversidade e flexibilidade, rompendo com os antigos modos baseados em padrões e hierarquias. Terra Dois é um conceito empregado por Forbes (2017^[1]), para representar esse novo mundo, no qual a maneira como se nasce, morre, trabalha e educa, enfim, tudo necessita ser reelaborado, onde o sujeito será convocado a responsabilizar-se eticamente por suas escolhas.

Conjecturada ao contexto exposto acima, o projeto se justifica, à medida que se mostra substancial a investigação da função e localização do amor na constituição da estrutura psíquica dos sujeitos contemporâneos. Em suma, interessa ressaltar a importância de verificar e analisar a posição de sujeito e os significantes, empregados na forma como nomeiam sua maneira de fazer escolhas, gozar na vida e colocar-se nas relações com o outro, sobretudo no amor, quanto este subordina a existência da outridade, como ultimato para o fim da relação.

Nesse sentido, esta pesquisa busca problematizar as implicações ao idealizar um relacionamento amoroso, onde se supõe que a função do outro seja proporcionar sentimento de completude. Em A gente mira no amor e acerta na solidão, Suy (2022^[2]) aponta para esta questão: “Pensamos que, no amor, encontraríamos a parte que

supostamente nos falta, a parte que nos livraria da nossa própria falta". Concepção esta, que desconsidera a posição de sujeito faltante e do desejo, resquícios ulteriores da inserção do sujeito no imaginário, pela via da linguagem.

METODOLOGIA

Conhecimento científico segundo Gonçalves (2019^[3]), é definido como: "Conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. Sua origem está nos procedimentos de verificação baseados na metodologia científica". Ele ganhará validade através da pesquisa científica, que de acordo com Bastos e Keller (1995, p. 53^[4]), refere-se a: "Uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo". Essa por sua vez se estrutura em diversas modalidades, sendo uma delas a pesquisa bibliográfica, escolhida como o método para a produção deste trabalho.

A pesquisa bibliográfica é muito utilizada nas ciências sociais e no contexto acadêmico, visto que prima pela atualização do conhecimento. Se configura pelo levantamento e análise de teoria e informações, encontrados em instrumentos que já foram publicados: livros, artigos científicos, teses, dissertações, revistas, leis e outros meios (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES, 2021, p. 65–66^[5]). Independente da materialidade dos textos: impressos ou eletrônicos, na pesquisa bibliográfica eles tem a finalidade de agregar a construção de aprendizado acerca do objeto pesquisado, ora legitimando-os ou direcionando a outros caminhos.

Diante disso, as bases conceituais desta pesquisa bibliográfica foram constituídas a partir da leitura crítica e analítica de pesquisadores clássicos, como Bauman, Freud e Lacan. Além de pesquisadores contemporâneos de leitura psicanalítica já consagrados como Ferry e Suy. O início desta pesquisa se deu em agosto de 2022, em que a construção do referencial teórico dispôs de uma investigação na base de dados da Scientific Electronic Library Online - SCIELO, Periódicos Eletrônicos em Psicologia - PEPSIC, Google Acadêmico. Usando as palavras-chaves: amor e psicanálise, idealizações, Lacan, Freud, de modo a selecionar as concepções pertinentes à constituição do amor submetido às idealizações, na estrutura psíquica dos sujeitos contemporâneos.

Ainda, no que diz respeito à metodologia esta pesquisa será de natureza básica descritiva, onde o intuito é obter conhecimento para o avanço de novos estudos para a ciência, consoante a isso visa delimitar o horizonte de uma realidade específica. Quanto aos objetivos, esta pesquisa bibliográfica tem como principal finalidade produzir, explicar e remodelar conceitos e ideias, podendo então assim ser entendida como exploratória (GIL, 1987, p. 27^[6]). Por fim, quanto à abordagem, esta pesquisa se qualifica como qualitativa, na medida que se baseia em dados subjetivos, atribuindo significados voltados para a compreensão dos comportamentos, atitudes e motivações do que é investigado.

EM NOME DO AMOR

Em a Revolução do amor, o autor afirma que: “É o amor que dá sentido à nossa existência” (FERRY, 2012. p.13^[7]). No sentido de que todas as áreas e decisões na vida perpassam por esse conceito. De modo, que até mesmos os costumes sociais alteram-se diante do significado empegado ao “amor” de sua época. Um exemplo disso, é a forma como o casamento, modificou-se ao passar das décadas, de um casamento arranjado (decido pelos pais, visando vantagens financeiras) à um casamento por amor, onde os parceiros passam a se escolher por livre vontade.

Para explicar essa mudança, o autor conceitua a modernidade como um novo humanismo, onde é empregada uma “sacralidade” ao homem. Então este passa a ser visto e valorizado, assim como o amor passa a ser o sentido da vida. Ao contrário do que foi antes da modernidade, em que a lógica de operação do mundo era em torno do Estado e dos mandamentos da igreja, onde o sagrado era unicamente Deus, e seus féis visto como pecadores e destinados a sofrer.

Diante desse novo humanismo, então a configuração social do casamento de escolha por amor passa a ser visto por alguns como um contrato vulnerável ao divórcio, visto que sua base está sustentada em algo tão subjetivo como os sentimentos e o desejo de estar com o outro, sem as “obrigações” antes impostas a esse contrato. Mais adiante neste trabalho será abordado a construção do amor em um relacionamento amoroso contemporâneo, posto a todas essas modificações e sobre a ótica de como se dá essa dinâmica de funcionamento pela psicanálise.

O Mito do Amor

No texto "Psicologia de grupo e análise do ego" Freud (1921, p.101/1020^[8]), afirma que a palavra amor é uma invenção da linguagem, de modo que é inevitável não estar nas formulações da psicanálise. Em acordo com a teoria freudiana, Lacan também afirma, no Seminário 10, A angústia: "O amor é um fato cultural [...] nem se cogitaria falar de amor se não houvesse a cultura" (1962, p. 198^[9]). Como abordado no tópico anterior a expressão "amor", foi diferenciada ao longo do tempo, na psicanálise aconteceu o mesmo, durante sua formulação teórica, como tentativa de bem nomeá-la à sua época, ao passo que ganhou um valor de conceito. Condizente a isto, entende-se que o amor é parte criativa da função da linguagem.

Quanto à origem do amor, a psicanálise faz-se valer de referência ao mito de Aristófanes, descrito por Platão em "O banquete" [I.V a.C.] 2003^[10]. Em que narra a busca da "alma gêmea". Os seres humanos eram andróginos e duplicados, características estas que os deixavam muito fortes: tinham quatro braços, quatro pernas e dois sexos um de cada ou ambos masculinos e femininos. Zeus, com medo que eles pudessem tomar o poder, ordenou que fossem cortados ao meio, e suas partes espalhadas pelo mundo e isto justificaria a busca nas relações amorosas por restituir a completude, visto que sozinhos encontram-se desamparados.

O mito do amor de Aristófanes, faz parte da concepção do que seria o amor, na dimensão social popularmente aceita. Este discurso sem muita dificuldade pode ser encontrado na literatura, música e cinema. Ratificando que o amor, assim, estaria condicionado a uma dependência do outro, que contém a parte que lhe preenche. Esta dependência em relação a outras pessoas, da angústia da perda alma gêmea, no que tange a psicanálise, corresponde a mesma dependência primária do sujeito, que em sua infância encontrava-se desamparado.

Na passagem, "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905, p. 210^[11]), Freud explica o pensamento acima, de que o sujeito idealiza o reencontro com o objeto do seu amor. Objeto este, que teria sido perdido ainda na sua infância. Contudo, em virtude do fato de que a linguagem antecede ao sujeito e este teria sido interpretado com os significantes de outro, marca assim, a impossibilidade da nomeação e reencontro do seu objeto, ficando para sempre perdido. Esta falta do objeto, por sua

vez, impulsiona este sujeito a deslizar de objeto em objeto, movimentando sua fantasia de completude.

Este movimento será o estereótipo da identidade do sujeito, que inclusive também será assumida nas suas relações amorosas. De acordo com a ideia lacaniana, no desejo, é o objeto, que tem papel central, visto que, em sua essência, ele demanda sempre desejo do Outro, fazendo emergir nesta demanda o nascimento do amor. Por outro lado, quando esta análise parte do amor, é dedicada mais importância à dimensão desse objeto. (1956, p.167^[12]). Diante disso, Lacan, postula que amar é dar o que não se tem (1956^[12]), dito de outro modo é fazer oferta da sua própria falta pelo recebimento da falta do outro.

Sabe-se, pois, que a falta estrutura no sujeito sua demanda pelo desejo, e este por sua vez, de acordo com Suy é aguçado pela interdição: "O objeto afetado pela proibição funciona como causa de desejo. O desejo é o desejo do proibido, do que está inacessível, do impossível" (2014, p. 51^[13]). Mencionado isto, e pensando está máxima no cotidiano, desde Lacan: "Pode-se desejar o que já se tem?" (1960, p.78^[14]), a contribuição do amor para essa dinâmica, acontece quando o amor se coloca como dom, dando possibilidade que ele saia do seu narcisismo e o sujeito em sua condição faltante, consiga ir em direção ao outro sem abrir mão do seu desejo.

A possibilidade apresentada acima do amor como dom, pode não se localizar, quando as primeiras diferenças que surgirem entre os amantes, ganharem um tom de intoleráveis, ao ponto que estes não conseguem sustentar a relação. Certamente, esses sujeitos não estão se permitindo amar e serem amados, a partir da condição faltante, e isto, desconfigura o que de fato é o amor (BADIOU, 2009^[15]). Visto que justamente, que se colocam no amor, em busca de completude.

Nas palavras de Lacan (1960, p.41^[14]), "Amar é dar o que não se tem", logo o modo de amor proposto pela psicanálise advoga que o amor não idealizado, deve amar justamente a partir das diferenças com o outro: É preciso, então, que o sujeito se reconheça como faltante e dividido para poder amar, pois só ama quem reconhece uma falta em si mesmo. Assim, o amor é a significação do nada. Lacan dirá: "a significação do amor produz-se pela substituição da função do objeto amado pela função do amante" (p. 56^[14]). A experiência analítica nos mostra a incongruência que há entre

desejo e objeto. Para Lacan, o amor apresenta-se aí como uma significação possível para esse lugar do vazio (SUY, 2014 p.48^[13]).

Em compreensão ao exposto acima, no sentido de que é preciso desejar para amar, depreende-se assim, que a falta exerce uma função primordial como fonte e impulsão do desejo para este movimento. Uma vez que, ao sujeito lhe é atribuído à falta, então este deseja e procura tamponar o seu desejo de várias formas que a linguagem o permita, uma delas com o amor. Logo, faz-se assim, fundamental que os amantes não cedam ao desejo de encontro com o seu ideal, perdido na infância, fazendo do amor mero objeto idealizado, onde o amado é concebido apenas em uma projeção de si.

O amor-paixão, fascinante e arrebatador, funcionaria como primeira captura do ser que ama. Em seguida, encontra-se o amor na forma de dom, simbólico, reelaborando essa captura arrebatadora (Verliebtheit). Contrariamente ao amor-paixão, o amor como dom enfatiza sobretudo a falta de harmonia entre o sujeito amado e o objeto amante. No registro simbólico figura por princípio o significante, a partir do Outro, numa cadeia que não considera mais apenas o desejo do sujeito amado emaranhado em seu próprio objeto amante ilusório – e cabe lembrar que a situação é a mesma até quando o objeto amado é um outro sujeito! (NOVELLI et al, 2017 p. 32^[16]).

Pois, desconsiderando assim, o lugar da falta constituinte do sujeito, partindo então da concepção que o outro tivesse de fato, a primazia de completude, certamente não sobraria também espaço para o desejo de amar, o que acarreta sempre no seu fim, toda vez que este outro apontar suas diferenças, dando notícias de ser ele outro sujeito, para além do idealizado.

Dessa forma, exige-se que os amantes aceitem e aprendam a amar-se, sobretudo a partir das suas alteridades, que os tornam singulares e atualize também a relação, mantendo-se no desejo a cada vez que estas diferenças surgirem e forem capazes de suportá-las.

Outridade no improvável e impossível amor pleno

A ideia do amor, como foi abordada no tópico anterior, descrita pelo mito de Aristófanes como busca da completude e de almas gêmeas, foi creditada a séculos pela construção social, como a origem do amor, e se faz ainda presente na contemporaneidade (SUY, 2014, p. 86^[13]). O amor, como tema interessa a várias áreas

do conhecimento, não raro na psicanálise a palavra ganhou a categoria de conceito. É certo, que todos os sujeitos, ainda aqueles que se dizem desinteressados em vivê-lo, se sentem atraídos por histórias de amor, desde as com finais felizes até as não tão felizes assim.

No funcionamento do aparelho psíquico, o amor enquanto acontecimento, corresponde ao aumento e à diminuição da autoestima dos amantes, uma vez que investir no outro, demanda perda do seu narcisismo. Para Lacan (1964^[12]), isso se dá pela existência de uma dialética subjetiva entre amar e ser amado. Logo mais, quanto mais investimento libidinal for feito na relação pelo sujeito, mais este se tornará dependente dela, visto que sua autoestima está condicionada a ela.

Dito de outro modo, somente amar não seria o bastante, necessário pois para o sujeito também ser amado, por tudo que ele é, enquanto existência e características físicas. Onde o amor estabelece sempre outra demanda de amor e que nunca cessará suas demandas (LACAN 1972, p. 12^[17]). O que desse modo, desencadeará uma natural insatisfação, pelo pensamento neurótico de que nunca se é amado como merece pelo outro, dando voz a frequente pergunta entre os casais: você me ama?

Diante disso é conveniente ressaltar que o amor enquanto acontecimento, está a todo tempo colocando esses sujeitos a se haverem com o seu desconhecido: o seu desejo. Visto que, em virtude de como opera sua relação com o real, ele não se inscreve psiquicamente de modo antecipado. E aqui nesse ponto surgem problemáticas do laço social, no sentido de que os sujeitos contemporâneos, pela condição de sua época, não lidam bem com seu desejo: ora deseja-se pouco, ora deseja-se mal, ora não se sabe esperar pelo desejo. Impasse este que também implicará em problemáticas nas suas relações amorosas.

Para fazer um link a uma contextualização temporal, cabe frisar que com o advento da web, a sociedade caminhou para mudanças que outorgam aos sujeitos respostas de satisfações instantâneas. TerraDois é um conceito empregado por Forbes (2017^[1]) para representar essa contemporaneidade. Na qual, apresenta um grande impasse para as relações humanas e como posto anteriormente, sobretudo para os relacionamentos amorosos, visto que ela exige que os sujeitos elaborem sua posição com o desejo, sem espaço para falta, tal qual a tecnologia oferece.

A esse modo de amar, que não suporta a alteridade e que busca a fuga da frustração, o sociólogo Zygmunt Bauman (2003^[18]), conceitua como “amor líquido”, na obra de mesmo título, que aborda a evolução da afetividade humana, e segundo a concepção do autor encontra-se fragilizada na contemporaneidade. Dado a essa fragilidade, o amor é concebido como líquido, uma vez que assume como característica de descartabilidade e que não se objetiva firmar laços. Contudo, para Bauman, essa posição vai de encontro ao que de fato seria o amor, em suas palavras:

Amar é querer “gerar e procriar”, e assim o amante “busca e se ocupa em encontrar a coisa bela na qual possa gerar”. Em outras palavras, não é ansiando por coisas prontas, completas e concluídas que o amor encontra o seu significado, mas no estímulo a participar da gênese dessas coisas. O amor é afim à transcendência; não é senão outro nome para o impulso criativo e como tal carregado de riscos pois o fim de uma criação nunca é certo (BAUMAN, 2003, p. 21^[18]).

Este comportamento defensivo ao amor, em Luto e Melancolia (1915^[19]), Freud responsabiliza a cultura do laço social contemporâneo, uma vez que por características peculiares as suas transformações, não permite aos sujeitos elaborarem suas escolhas considerando o desejo, enquanto estruturante do aparelho psíquico. E que de acordo com ele, esta cultura incentiva um luto antecipado, onde não há vazão para elaboração das paixões e desilusões, visto que a lógica dos relacionamentos quer operar de forma objetal.

Dessa maneira, diante da possibilidade que o relacionamento amoroso possa acabar e antes mesmo que essa relação venha a existir, o sujeito antecipa em viver o luto dele, como forma de se defender do seu desejo. Assim não buscar estabelecer laços com este outro, que um dia lhe deixaria. Portanto, fica inegável que as possibilidades de criação e manutenção de relacionamentos, mediante essa cultura posta pelo laço social na atualidade, prejudica uma perspectiva em viver o amor, sobretudo porque não concebe a outridade dos sujeitos envolvidos na relação.

De outro modo, quando se aposta em viver um relacionamento amoroso, o amor enquanto instância psíquica toma o parceiro como indispensável e insubstituível. Este por sua vez, no mundo real, fora das idealizações do amado, não passa a apresentar de fato essas alterações. Lacan, elabora isto como significação do amor (1960) e postula que para o sujeito, amar é primordialmente querer ser amado (1964, p. 239^[14]), e isto justificaria essa subversão correspondendo à noção do eu-ideal, em que o sujeito

superestima porque também quer ser superestimado. A isso Freud conceitua como idealização (1914, p.28^[20]), um mecanismo de defesa ao qual o amante atribui super qualidades e supervaloriza o amado:

A idealização é um processo envolvendo o objeto, mediante o qual este é aumentado e psicicamente elevado sem que haja transformação de sua natureza. A idealização é possível no âmbito da libido do Eu e no da libido objetual. De modo que a superestimação sexual do objeto, por exemplo, é uma idealização dele (FREUD, 1914 p. 28^[20]).

Então, esse sujeito quando ousa se despir da fantasia do ideal que lhe foi empregada e assumir suas próprias vestes, corre o risco de não ser reconhecido pelo seu parceiro.

Como pontua Novelli et al: “A partir do instante em que o objeto amante expressa suas particularidades autônomas, suas especificidades, ele deixa de ser idealizado como tal” (2017, p. 32^[16]). Algumas letras de músicas que falam de amor, exemplificam bem esse desencontro, como neste trecho de “De quem é a culpa?” da cantora Marília Mendonça: (2017^[21]): “Quem é você, que eu não conheço mais? Me apaixonei pelo que eu inventei de você”.

Para Lacan, este eu-ideal “[...] se encontra em posse de todas as preciosas perfeições do eu” (1954, p. 15^[22]), é o que permite ao sujeito pela via do imaginário amar-se a si mesmo narcisicamente, contudo este amor pela via do imaginário não concebe os dois sujeitos na relação. Portanto, apostar no relacionamento com a garantia fantasiosa do senso comum de encontrar a pessoa certa, o encaixe perfeito, onde o outro não é amado por aquilo que ele é, mas porque está vestido da fantasia do desejo do outro, por si só já implica em problemática e prejudica uma perspectiva de amor possível.

Diante dessa problemática, Freud discorre sobre duas variantes do amor, sendo ela anaclítica e narcísica. A primeira diz respeito à modalidade masculina, na escolha do objeto de amor. Onde o sujeito transfere seu investimento narcísico no amado, empobrecendo a libido do eu, visto que ela está direcionada ao objeto amado. Por outro lado, o tipo narcísico, refere-se à modalidade feminina de escolha do objeto de amor. Nesta modalidade, ao contrário da masculina, o sujeito faz o investimento narcísico no próprio eu.

Dito isso, é relevante dizer ainda que Freud sinaliza que esta escolha objetal nem sempre acontece tal como posta: o homem de forma anaclítica e a mulher de forma narcísica. Entendendo-se então, que existem homens que vão se posicionar pela forma narcísica, assim como existem mulheres que iram se colocar na modalidade anaclítica. A existência de dois tipos diferentes, dos sujeitos fazerem suas escolhas objetais do amor, já entrega uma dissincronia e impossibilidade de amor pleno. A insatisfação que já é marca dos sujeitos de linguagem, passa a operar também como marca dos relacionamentos amorosos.

O desejo funda-se na permanência de uma constante insatisfação, que lança o ser humano na busca por novos objetos em busca de uma satisfação absoluta e que, por isso, é impossível de ser alcançada. Por isso diz-se que o desejo é metonímico, pois há um deslizamento de um objeto para outro no campo do desejo. Em virtude disso, amor e desejo se opõem, já que "o amor é uma tentativa de resposta exitosa do sujeito à falha inerente ao desejo, pois o amor não admite essa falha, ele quer preenchê-la a todo o custo (JORGE, 2000, p.146^[23]).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade seja entendida como postula Ferry como um novo humanismo, onde o ser humano recebe o status de sagrado e assim também suas relações vão operar nessa lógica, dando lugar ao amor como sentido à vida. Ou seja, compreendida por Forbes como TerraDois, onde os indivíduos operam por uma lógica de horizontalidade, com o rompimento de padrões anteriores. Sempre apontam para uma contemporaneidade em que sujeito mais que nunca precisa haver-se com sua posição de sujeito do desejo. Posição essa também como discutido aqui marca seus relacionamentos amorosos.

De modo que diante, do percurso traçado aqui em analisar os desafios dos relacionamentos amorosos constituídos sobre idealizações, e a investigação do significado atribuído à relação de amor com o outro, na constituição dos sujeitos contemporâneos, conclui-se que o amor enquanto encontro faltoso é o que possibilita que o mesmo exista e continue se atualizando, pelo deslizamento metonímico do desejo. Uma vez que se ele encontrasse o caráter de plenitude, inegavelmente pelos motivos já citados até aqui acarretaria em seu fim. Logo, a possibilidade de amor surge

a partir do reconhecimento da alteridade dos sujeitos amantes, quando este não busca se viabilizar exclusivamente pelo imaginário (NOVELLI et al, 2017 p.33^[16]). Só quando se passa a considerar que a relação dual existe, então o amor consegue se inscrever como possível

REFERÊNCIAS

- [1] TERRA DOIS. Programa de Tv, São Paulo: TV Cultura, 21 de março de 2017.
- [2] SUY, Ana. A gente mira no amor e acerta na solidão/ Ana Suy. São Paulo: Planeta do Brasil, 2022. 160p.
- [3] GONÇALVES, Jonas R. Como escrever um Artigo de Revisão de Literatura. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, Ano II, Vol.II, n.5, 2019.
- [4] BASTOS, C. L; KELLER, V. Aprendendo a aprender. Petrópolis: Vozes, 1995.
- [5] SOUSA, A. S; OLIVEIRA, S. O; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021.
- [6] Gil, Antonio C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.
- [7] FERRY, Luc. A revolução do amor: por uma espiritualidade laica, 2012.
- [8] FREUD, S (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 18, p.79-154.
- [9] LACAN, J (1962-1963). O seminário, livro 10: a angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- [10] PLATÃO, O banquete, ou do amor. Rio de Janeiro: Difel, 2003. (Trabalho original do séc. I.V a.C.).
- [11] FREUD, S. ([1836-1939]1905). Três ensaios para uma teoria da sexualidade. Obras completas, volume 6: 11 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 399p.
- [12] LACAN, J (1901-1981). O seminário, livro 4: a relação de objeto I. - Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- [13] SUY, Ana. Amor e desejo: Um estudo psicanalítico. Monografia. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014. 96p.
- [14] LACAN, J. (1901-1981). O seminário, livro 8: a transferência. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

- [15] BADIOU, A; TRUONG, N. Elogio ao amor. São Paulo: Martins Fontes, 2013. 63 p.
- [16] NOVELLI, Ana Beatriz; LAZZARINI, Eliana; CHATELARD, Daniela; MAESSO Márcia. Do amor imaginário ao amor simbólico. Reverso. Belo Horizonte. ano 39. n. 73. p. 27 – 34. jun. 2017.
- [17] LACAN, J (1972-1973). O seminário, livro 20: Mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- [18] BAUMAN, Z. Amor líquido. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- [19] FREUD, S (1917). Luto e melancolia. In: Obras completas de Sigmund Freud. São Paulo: Cia. das Letras, 2010, v. 14, p. 245-266. (Escrito em 1915).
- [20] FREUD, S (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB). Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 14, p. 77-108.
- [21] MENDONÇA, Marília. De quem é a culpa? Manaus: Som Livre. 2017. Duração 3:22 min.
- [22] Lacan, Jacques, 1901 - 1981 L 129s O Seminário: Livro 1: os escritos técnicos de Freud, 1953- 94-0525 1954 - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor
- [23] JORGE, M. A. C. Fundamentos de psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. v.1.